

TEATRO: ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES

Nair Leme FOBÉ
Professora na Faculdade de Letras
da PUC-Campinas

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar como a humanidade sempre buscou o palco para expor suas emoções que são expressões do homem universal e atemporal e também do homem e seu tempo. Parte de uma breve mirada sobre o teatro desde suas primeiras manifestações na Grécia Antiga até o Teatro do Absurdo.

Palavras-chave: Teatro do Absurdo. Palco. Emoções.

ABSTRACT

This paper aims at showing how humanity has always sought the stage as the ideal space for the revelation of emotions as the expression of man, a universal and non temporal being, and also a being of his time. It starts with a fast look at the early theatrical manifestations in Ancient Greece and ends by focusing the Theatre of the Absurd.

Key words: Theatre of Absurd. Stage. Emotions.

Dentre os meios de comunicação, o teatro é o que mais diretamente atua sobre o interlocutor e o que mais se aproxima da tendência moderna de abordagem por meios múltiplos e, por essa razão, é a forma literária que

mais depressa reflete e transmite as ansiedades e aspirações de uma época. Fica na interface das muitas artes, sendo, ao mesmo tempo, literatura e outras artes; apela aos sentidos de forma holística, à mente, ao espírito e às emoções.

O dramaturgo apresenta, por meio de cenas vivas, a problemática de todos os tempos e do tempo presente. Retrata os problemas que o rodeiam e os que transcendem; cria peças de valor oportuno, enquanto retrato de contemporaneidade, e histórico, enquanto reflexão da natureza humana.

Daí, se o teatro o lugar em que os autores têm buscado vivenciar, de forma polissêmica, os valores transitórios e eternos e que não têm fronteiras lingüísticas, geográficas e étnicas, mas que são comuns a todos os homens, ao seu inconsciente coletivo, como seres vivos, pensantes, divididos e que têm buscado, de formas diferentes e linguagens diferentes, através dos séculos, uma resolução ou, pelo menos, uma explicação para seus problemas.

Assim, o teatro vem assumindo formas e atitudes que expressam sua época; seus heróis são espelhos de momento vivido, sua temática a busca do eterno e do perene, e sua estrutura se vale da tecnologia do momento.

Na Grécia antiga, o teatro, escavado nas colinas, apresenta suas tramas para um público parceiro que acompanha os movimentos dos atores que davam vida a uma trama conhecida de todos. Na base dessas primeiras encenações havia a tentativa de objetivar as perguntas existenciais de um público que se identificava (mimesis) com as buscas dos protagonistas. Havia uma íntima relação entre homens e deuses que muitas vezes se uniam e, dessas uniões, surgiam criaturas super-dotadas que ficavam entre os homens e os deuses – os heróis, que desafiavam os deuses em benefício dos homens e, por essa razão, deviam ser castigados. O auditório se projetava nos personagens, no seu desafio aos deuses e se identificava com eles, quando punidos por suas falhas.

Essa necessidade de superação dos limites humanos é que dá uma dimensão maior ao homem e maior significado a sua vida e o leva a tentar ultrapassar as barreiras do possível, marcando sua trajetória na terra e atraindo a admiração daqueles que não ousam por não saber fazê-lo ou não poder fazê-lo. É essa tentativa, talvez mais do que o próprio ato de heroísmo, que faz do teatro esse espaço ideal para a criação de arquétipos, tão caros à psique humana. É também porque esses heróis têm falhas que são mais facilmente aceitos, diminuindo a distância entre os mortais e eles. Assim, esses heróis caem por uma falha humana e não por não ousarem.

O teatro grego, por sua estrutura circular, proporcionava uma íntima relação entre o ator e seu interlocutor e a natureza. Seu público era misto, heterogêneo,

Teatro: espaço privilegiado para a expressão de emoções

identificado com o tema apresentado. A comunicação era inteiramente visual, imagética, dirigida diretamente à imaginação e à memória do público, criando um momento mágico de comunhão, de identificação, de sim-patia. Na identificação com o enredo, os homens se irmanavam, descobriam sentimentos, pensamentos, emoções comuns.

Em Roma, o teatro passa a ser cada vez mais elaborado. As peças são levadas em prédios fechados. Há a separação da natureza. Os edifícios foram se fechando, deixando de ser o centro de atração de um grande público popular.

Na Idade Média, o teatro passa a ser usado pela igreja para a propagação da fé cristã a um público que não sabia ler e, portanto, que tinha dificuldade de conhecer as verdades contidas na Bíblia. O público afluía cada vez mais às igrejas para ver os mistérios e milagres encenados no altar, tornando-se o espaço pequeno demais. A solução foi transferir a representação para a entrada, e a escadaria e a praça foram transformadas em palco. Uma vez mais o teatro teve contato direto com seu público e com a natureza. Com o passar do tempo, os padres perceberam que não podiam mais controlar o público, cada mais exigente e que pedia inovações, saindo de sua “infância” para uma “adolescência” intelectual, e sentiram que o teatro estava deixando de ser veículo de transmissão da fé e passando a ser uma forma de diversão. A Igreja termina com as representações e o teatro tem de buscar outro espaço.

O povo já estava aprendendo a buscar formas coletivas para a solução de seus problemas e foi encontrar nas suas corporações o espaço e o apoio para a continuação das apresentações dramáticas.

O século XVI marcou, sem dúvida, o apogeu do teatro na Inglaterra com o teatro elisabetano que soube fundir os ideais da época com um tipo de montagem que traz o ator para um contato íntimo com o espectador, que se viu, mais uma vez, identificado com os personagens. Pessoas reais tomaram o lugar dos santos e das virtudes do teatro da Idade Média. O público pode, então, presenciar seus problemas mais imediatos, focalizados, vividos e debatidos no seu tempo e no seu espaço e numa linguagem a seu alcance. Os heróis deixaram de ser criaturas em luta titânica com os deuses para assumirem uma luta mais de acordo com o pensamento renascentista; uma luta do homem consigo mesmo. Assim, um Édipo ou um Prometeus vai dar lugar a um Hamlet, a um Tamburlaine.

A estrutura física do teatro trouxe a encenação mais próxima de um público, que passou a ser, outra vez, heterogêneo e mais próximo à natureza. A casa de espetáculos tinha paredes laterais, mas não era coberta. Junto às paredes, protegidas por um pequeno telhado, superpunham-se balcões que eram destinados à nobreza. As pessoas comuns ficavam no espaço em frente ao tablado que

servia de palco, em pé, durante todo o espetáculo, que, às vezes, durava cerca de seis horas. Muitas vezes os nobres usavam esses espectadores como alvo para suas brincadeiras com sementes de frutas, já que todos, ricos e pobres, levavam suas cestas de alimentos para o teatro, pois o dia destinado ao espetáculo teatral, na época da primavera e verão, era um dia inteiro de festa, quando os amigos se encontravam e conversavam. Às vezes os espectadores mais influentes se sentavam no próprio palco, tendo os atores, portanto, contato direto com seu público. Se o espetáculo não agradava, o alvo dos projéteis, de tanto nobres como pobres, passava a ser os próprios atores. O escritor, portanto, tinha que se comunicar com esse auditório heterogêneo que participava diretamente da ação e que demonstrava sua aprovação ou desaprovação de forma imediata e concreta.

Aos poucos o teatro se separou de seu público e a grande época do teatro elisabetano não foi mais igualada. Nos séculos que se seguiram, a cena passou mais e mais a se fechar numa caixa e a sala reservada ao público foi se enriquecendo, o qual passou a ver o teatro como local para demonstrações pessoais de exibicionismo. Os grandes corredores dos teatros italianos, por exemplo, passaram a ser passarelas da moda e os camarotes, local de discussão de negócios ou de mexericos sociais. Ia-se ao teatro não para se ver um espetáculo, mas para se ser visto. A caixa reservada à ação passou a ser uma sala de visitas, onde os atores desfilavam problemas de menos importância para não chocar a platéia, disposta a se divertir e não a se preocupar.

É nesse teatro de peças bem arrumadas, com temas medíocres e atitudes dentro de um padrão moral aceito, que surge Ibsen.

O público que buscava no teatro um espaço de lazer, que não queria refletir sobre os problemas morais, sociais ou políticos de sua época, estranha as peças de Ibsen que ousa colocar no palco, ainda dentro de uma estrutura e linguagem do século dezanove, a discussão de temas polêmicos, como a sífilis e a emancipação da mulher.

A porta estava mais uma vez aberta e, após o primeiro impacto, outros escritores passaram a seguir as pegadas de Ibsen e o teatro encontra de novo sua vocação de lugar privilegiado para a reflexão sobre os problemas do homem, não apenas de lugar de encontros sociais, mas de ponto de partida para o debate e a participação.

A discussão de temas importantes sai de recintos reservados, com seus modos comedidos e linguagem controlada, para a “cozinha”, onde problemas mais íntimos de relacionamento começam a ser expostos. O conflito se estreita; não mais entre heróis e deuses, ou entre homens e padrões aceitos, mas entre indivíduos.

Teatro: espaço privilegiado para a expressão de emoções

O cenário e as pessoas se desnudam e a linguagem passa a refletir esse despojamento e o social se apresenta sem falsas etiquetas moralizantes..

Em agosto de 1955, Londres se surpreende com a apresentação de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, que vai introduzir uma nova forma de teatro, em seu tema, estrutura e linguagem e que ficou conhecido como *Teatro do Absurdo*.

A tendência ao absurdo no teatro não começa, porém, com Beckett, mas vem desde o início do teatro, quer nas máscaras do teatro grego quer nas mímicas, nas pantomimas, no diabo dos Milagres, nos palhaços de Shakespeare ou dos circos. Teatro é sempre mais do que linguagem. A linguagem pode ser lida ou ouvida, mas o teatro se desdobra e pode ser apenas representação, daí seus múltiplos apelos, seu poder de interface. A movimentação, as cores, a coreografia, os espaços de silêncio, tudo isso contém elementos poderosos de puro efeito abstrato e teatral de comunicação.

O mundo apresentado no palco não vai representar uma fuga dos problemas e um momento de mero lazer, de conforto para o espectador, mas vai perturbá-lo, fazê-lo refletir, questionar. O palco volta a ser aquela lente de aumento que evidencia a monotonia e a estupidez da vida humana, voltando a retomar o seu símbolo primeiro – a máscara. O palco torna-se surreal ao se conscientizar das coisas por trás das coisas. O efeito das máscaras do nosso tempo tecnológico fica por conta dos recursos de gravação, dos meios eletrônicos, dos efeitos especiais, diferentes dos recursos de linguagem e de apelo à imaginação do teatro elizabetano.

O Teatro do Absurdo representa a tentativa do poeta/escritor de superar o automatismo e a complacência e de restabelecer a percepção que o homem deve ter de sua condição humana – paradoxal, ambígua e, no entanto, procurada e querida.

O Teatro do Absurdo não se preocupa em informar ou em apresentar um enredo, uma seqüência de acontecimentos na vida de algumas pessoas, não pretende debater um tema, ou argumentar, nem investigar ou resolver problemas morais, mas em colocar aos olhos do espectador uma situação básica de um indivíduo e, para isso, utiliza uma linguagem não argumentativa ou discursiva, mas que se baseia na apresentação de imagens concretas. Assim, como Deus morreu, o mundo da palavra se encolheu.

No meio da comunicação de massa, da crescente especialização das diferentes profissões, a linguagem tem reforçado níveis diferentes para que haja maior possibilidade de interação entre os membros da sociedade e o Teatro do Absurdo busca mostrar que, apesar disso ou talvez por causa disso, há uma ruptura da comunicação. Num mundo de várias formas de meios de comunicação, a

linguagem se perdeu e deve voltar a sua função primária – a de expressar e não ocultar o verdadeiro significado da vida.

O Teatro do Absurdo pode parecer grotesco, mas representa uma volta à função original do teatro – o confronto do homem com a realidade religiosa e mítica. Mas, diferentemente do teatro grego, que abordava realidades conhecidas e universalmente aceitas, estabelecendo uma perfeita comunhão entre autor/ator/espectador, o Teatro do Absurdo expressa a ausência desse sistema cósmico de valores numa linguagem que se distancia da realidade. Podemos afirmar que a linguagem se perdeu nesta era de comunicação de massa. O homem precisa trazer à linguagem seu valor primitivo – o de comunicar. Isso só será possível se substituir os clichês e as frases feitas pelo verdadeiro pensamento e intencionalidade que incorporam. É isso que o Teatro do Absurdo busca passar em seus diálogos, muitas vezes desconexos, mas carregados de significado, não para os ouvidos acostumados a enviar estruturas feitas para o cérebro, sem a devida crítica e avaliação, mas por aqueles mais sensíveis à linguagem poética.

O auditório, por outro lado, não se identifica com os personagens que possuem motivos e vivenciam ações incompreensíveis. Daí, embora o que se apresenta seja sombrio, amargo e violento, sua representação se torna cômica, transcendendo os limites da Comédia e da Tragédia, combinando risos com horror.

O Teatro do Absurdo é, portanto, quanto ao seu tema, forma de representação e recursos técnicos dentro do espírito de sua época e ocupa uma parte significativa na tradição do teatro. Como expressão especial na literatura, é um lugar privilegiado para a reflexão do fato de que o homem é cercado de áreas de escuridão impenetrável e que sempre vai buscar conhecer sua própria natureza. O Teatro do Absurdo traz ao homem imagens que podem levá-lo a olhar para o mundo real que o cerca sem transmitir-lhe ilusões, a suportar sua perda de fé, não de forma escapatória, com divertimentos de massa, satisfações passageiras, ou ideologias baratas, que podem acenar para um “admirável mundo novo” mas irreal. O homem é mais coerente com sua própria natureza quando encara a realidade com toda sua falta de sentido e, por isso mesmo, constrói projetos.

A literatura em geral está marcada por traços do absurdo, como leitura da falta de sentidos da vida humana, e o Teatro do Absurdo faz parte dessa rica e variada tradição que vê o mundo como uma sala de espelhos, que refletem as ações do homem e onde a realidade vai lenta e seguramente desaparecendo na fantasia.

Assim como o espetáculo nunca pode parar, o teatro vai continuar a refletir as tendências de cada época e cada público vai responder às inovações como aquele que se chocou com *Esperando Godot*, de Beckett.

Teatro: espaço privilegiado para a expressão de emoções

Os dramaturgos continuam buscando inovações e novas técnicas para expressar as emoções dos homens num mundo de múltiplas e rápidas mudanças impulsionadas por novas tecnologias. O teatro, por ser a mais social das artes, responde prontamente às mudanças sociais e continua sendo o lugar privilegiado para a reflexão dos problemas do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NIETZSCHE, Friedrich, *Assim Falou Zaratustra*, trad. M. de Campos, P Publicações Europa América, Portugal, 1978.
- ESSLIN, Martin. *The Theatre of Absurd*, Penguin Books Ltda, England, 1977.